

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGÜÍSTICA PARA O ENSINO E A PESQUISA: A QUESTÃO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Abstract

Three processes are analyzed, both in standard and non-standard dialects: the R deletion, the use of "a gente" instead of "nós" and the rising of "ter" in existential environments. Structural and social variables are taken into account, and labovian quantitative sociolinguistics methodology is used. The data consist of corpora recorded with 20 years time interval, in order to observe the variation and the change in the individual and in the community, by means of panel and trend studies.

Key words: Variation and linguistic change. Brazilian Portuguese. Panel and trend studies.

1. INTRODUÇÃO

Ainda que a diversidade lingüística seja um fato incontestável, a língua tem sido vista como homogênea, as regras gramaticais como permanentes e imutáveis e o ensino/aprendizagem de língua portuguesa, em geral, associado à noção de 'certo' e 'errado', como se houvesse apenas uma única possibilidade de utilização *normal* da língua. Torna-se, pois, necessário repensar o nosso código gramatical e atualizá-lo, em consequência da existência de um abismo, mais ou menos profundo, entre a *norma* idealizada e as *normas* efetivamente praticadas, mesmo pelos falantes mais escolarizados. Os padrões vigentes, calcados na tradição dos clássicos, impostos de cima para baixo, já não são tão bem aceitos. Se, por um lado, os falantes, em geral, e os alunos, em particular, costumam dizer que não sabem 'falar português', que querem 'aprender português', por outro, os especialistas/profissionais que trabalham, no dia a dia, com a língua reconhecem que: "*Falar e escrever certo é como falam os praticantes da norma culta de um determinado contexto, praticantes de todas as áreas. E a norma culta não é definida por legislação, é levantada, pesquisada, aferida, avaliada, estudada*" (RIBEIRO, 1987). E ainda:

A gramática é a mais perfeita das loucuras, sempre inacabada e perplexa, vítima eterna de si mesma e tendo de estar formulada antes de poder ser formulada – especialmente se se acredita que no princípio era o Verbo. Estou, como já contei, estudando gramática e fico pasmo com os milagres de raciocínio empregados para enquadrar em linguagem "objetiva" os fatos da língua. Alguns convencem, outros não. Estes podem constituir esforços meritórios, mas se trata de explicações que a gente sente serem meras aproximações de algo no fundo inexprimível, irrotulável, inclassificável, impossível de

compreender integralmente. Mas vou estudando, sou ignorante, ãã que aprender. Meu consolo é que muitas das coisas que me afligem devem afligir vocês também. Ou pelo menos coisas parecidas.

(J. Ubaldo Ribeiro. *O Globo*, 11/08/1985)

E isso é o que vimos fazendo. A necessidade de definir novas normas, calcadas na realidade lingüística brasileira, diversificada social e culturalmente, tornou-se cada vez maior e, a partir daí, intensificaram-se as pesquisas sobre a variação e mudança lingüísticas, sob perspectivas diversas. E novos rumos foram traçados, com o objetivo de chegar a generalizações descritivas que pudessem ser utilizadas no ensino em todos os graus.

Nestes novos rumos, intensificou-se a preocupação com fatores não só estruturais, mas também sociais, tais como origem do falante, classe sócio-econômica, grau de escolaridade, gênero, idade... É verdade que esses aspectos sempre foram levados em conta, de uma forma ou de outra, nos estudos estruturalistas e, principalmente, dialectológicos, mas só ao final da década de 60, com a sociolingüística quantitativa laboviana – com sua origem nos *Empirical Foundations for a theory of language change* (1968) – passou-se a estabelecer uma correlação entre todos esses fatores, lingüísticos e/ou extralingüísticos. Complementarmente, a metodologia quantitativa, ao fazer uso de programas computacionais (*VARBRUL*), possibilitou ao analista lidar com um número maior de dados e vislumbrar não só a variação, mas também mudanças em curso, através da análise distribucional-quantitativa de variáveis. E, mais recentemente, destacou-se o fato de a resposta aos problemas derivados da interpretação dos dados *em tempo aparente* – através da distribuição por faixas etárias – dever basear-se nas observações feitas no chamado *tempo real de curta duração*, isto é, na

observação e confronto de determinados usos em dois ou mais períodos discretos de tempo. Esse estudo *em tempo real* se dá (1) através do recontato dos mesmos falantes em período posterior ou (2) através da constituição de uma nova amostra representativa, estudo em *painel* e de *tendências*, respectivamente. O estudo em *painel* permitiria identificar, pelo comportamento estável ou instável do mesmo indivíduo, em dois momentos distintos, se estamos diante de uma mudança geracional ou de uma gradação etária. Se um indivíduo de uma determinada faixa etária reproduz, ao passar para outra, em certa medida, o comportamento lingüístico de falantes da mesma geração na amostra anterior, tem-se um indicativo de ser a variação característica daquela faixa etária. Se, no entanto, ao mudar de faixa etária, reproduz o seu próprio comportamento na faixa anterior, tem-se um indício não de característica etária, mas sim de mudança geracional. Esse tipo de estudo, porém, por si só, não distingue gradação etária de mudança comunitária ou estabilidade de mudança geracional e deve ser complementado, por um estudo de tendências, através do confronto de duas amostras, também em dois períodos discretos de tempo, mas com indivíduos distintos, que nos possibilite detectar o comportamento da comunidade.

Segundo Labov (1994, p.83), através dessa combinação, é possível prever quatro padrões distintos, mas a dificuldade reside na sua interpretação. Se o comportamento dos indivíduos é estável durante toda a sua vida e a comunidade se mantém também estável, não há variação a analisar e tem-se *estabilidade*; se os indivíduos mudam seu comportamento lingüístico durante suas vidas, mas a comunidade como um todo permanece a mesma, o padrão pode ser caracterizado como *gradação etária*. A terceira e quarta combinações são de mais difícil apreensão: na *mudança geracional*, típica da mudança sonora e morfológica, os indivíduos apresentam uma frequência característica para uma variante particular, mantendo-a durante toda a sua vida. Aumentos regulares das frequências individuais, durante várias gerações, podem levar a uma *mudança comunitária*, quando todos os membros da comunidade alteram conjuntamente suas frequências ou adquirem simultaneamente

novas formas, segundo Labov, o padrão característico da mudança lexical e sintática.

2. ANÁLISE DE FENÔMENOS

Sob esse novo enfoque, várias pesquisas vêm sendo desenvolvidas, não só no nível fonético-fonológico mas também morfossintático e semântico-discursivo, entre elas¹, o da monotongação de [ey] (PAIVA, 2003), o apagamento do R final (CALLOU *et alii*, 2003), a alternância *nós/a gente* (OMENA, 2003; LOPES, 2003; LOPES, e OMENA, 2003), *ter/haver* (CALLOU e AVELAR, 2001/2002; DUARTE, 2003), a concordância de número (NARO e SCHERRE, 2003), a expressão e representação do sujeito pronominal (DUARTE, 2003; SILVA, 2003), a expressão do dativo (GOMES, 2003), as orações relativas (MOLLICA, 2003) e condicionais (GRYNER, 2003), os mostrativos (RONCARATI, 2003), as formas *ai* e *então* (BRAGA, 2003).

Selecionaram-se, para dar uma visão geral dessas pesquisas recentes, três fenômenos que foram objeto de estudo em todos os *corpora* e que retratam o falar de indivíduos com nível de escolaridade superior ou médio (fundamental/médio), no âmbito de dois Projetos, o da norma urbana culta (Projeto NURC) e o de uso da língua (PEUL), através do confronto de duas décadas, 70/90 ou 80/2000, respectivamente. São eles: o apagamento do R final, a substituição de *nós* por *a gente* e o de *haver* por *ter*.

Ao final, tenta-se enquadrar esses processos nos modelos ideais propostos por Labov (1994) para caracterizar variação e/ou mudança, no indivíduo e na comunidade. A dificuldade reside no fato de poder ocorrer uma combinação de padrões, em função da segmentação dos falantes por grupos distintos: jovens, idosos, homens, mulheres, independente de restrições estruturais.

2.1 APAGAMENTO DO R FINAL

Com base em trabalhos já realizados, com os *corpora* do NURC, por Dinah Callou, Yonne Leite e João Moraes (1996), e com os *corpora* do PEUL, por Cecília Mollica e Camille Fernandez

¹ Excetuando os trabalhos de Callou *et alii* (2003), Callou e Avelar (2003) e Lopes (2003), os estudos citados constam do volume PAIVA, M. da C. e DUARTE, M. E. L. 2003. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Contracapa.

(2002), analisa-se o cancelamento do R, em final de palavra – um fenômeno marcante no português do Brasil – num primeiro momento, tanto em verbos como em não-verbos; em um segundo momento, apenas nos infinitivos dos verbos, por ser esse o contexto em que a regra se encontra em estágio mais avançado. De início, o cancelamento estava associado à estratificação social e até mesmo racial: nos autos de Gil Vicente (século XVI), era apresentado como característica da fala de escravos vindo da África. Hoje, a julgar pelas análises já empreendidas, a queda do R transpôs qualquer estratificação social e se estendeu a todos os indivíduos falantes do português brasileiro. Conclui-se também que obedece sempre aos mesmos fatores e se mantém relativamente estável no decorrer de 20 anos.

Para os nomes, a dimensão do vocábulo é um fator significativo, a perda do R sendo praticamente bloqueada em vocábulos monossilábicos, principalmente entre falantes com formação superior. Já para os verbos, essa variável tem comportamento neutro, talvez em função de a mudança se encontrar em estágio mais avançado.

Devido a essa polaridade, nomes e verbos foram analisados, em separado, em todas as amostras do Projeto NURC. Isso faz uma diferença. Se os nomes não forem separados dos verbos, a seleção dos grupos de fatores significativos não reflete corretamente os ambientes condicionadores do apagamento do R. Por exemplo, se nomes (não-verbos) e verbos forem tratados em conjunto, a vogal precedente torna-se o último grupo a ser selecionado pelo programa VARBRUL; se eles forem separados, a vogal precedente torna-se, para o apagamento, o primeiro grupo a ser selecionado para os não-verbos. Além disso, as ocorrências do pronome indefinido *qualquer* foram excluídas, uma vez que neste item lexical a perda do R é praticamente categórica (99 %).

Com essas modificações, os mesmos grupos de fatores estruturais são selecionados em ambos os períodos, tanto para homens quanto para mulheres: acento frasal, para verbos e não-verbos e tipo de vogal precedente e dimensão do vocábulo, para os não-verbos. Mollica e Fernandez (2002), em seu artigo com base na amostra Censo, afirmam que os resultados não confirmaram a sua hipótese de que quanto maior o segmento maior a possibilidade de cancelamento do R. A questão está, parece, no fato de as autoras não terem cruzado esse fator com o de configuração morfológica, impedindo que se estabeleça um confronto entre essas variáveis, com base

na escolaridade. Nos dados do NURC, como se viu, a variável dimensão do vocábulo só se mostra relevante para os não-verbos.

A utilização das amostras citadas teve por finalidade demonstrar que a diferença básica entre os resultados dos dois *corpora*, que retratam falantes de escolaridade diferenciada, reside no aspecto quantitativo e não na qualidade da produção. Do *corpus* NURC foram analisados 2723 casos, na década de 70, 506, na década de 90, da amostra recontato, e 817 da nova amostra, na década de 90. Do *corpus* PEUL, foram analisados 1359 dados, da década de 80, e 900 da nova amostra, no ano 2000.

Os resultados até agora mostram que o cancelamento da consoante é sensível (i) a fatores estruturais, o mais relevante deles, classe morfológica – o que determinou a análise separada dos dados – e (ii) a sociais, tais como, grau de escolaridade e faixa etária, encontrando-se em estágio mais avançado na fala de informantes que não possuem curso universitário e apresentando distribuição de uso distinta ao se cruzarem os grupos faixa etária e gênero.

Conforme se pode visualizar na Figura 1, a grande oposição reside na classe morfológica. O percentual de cancelamento, nos verbos, está acima de 70% e, nas demais categorias, abaixo de 40%, com valores mais altos em falantes de menor escolarização. Nos falantes com grau universitário, quase igualando com os de escolaridade mais baixa, há, da década de 70 para 90, aumento da frequência de apagamento, o que constitui forte indicativo de se tratar, nos termos de Labov, de uma mudança “de baixo para cima”.

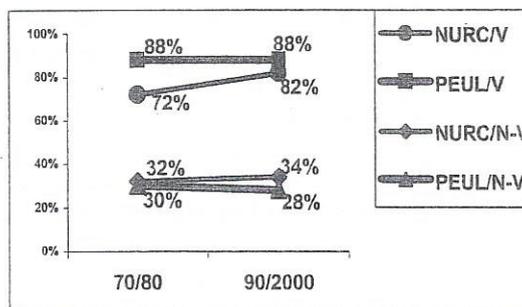


Figura 1 - Apagamento do R em verbos (V) e não-verbos (N-V) no NURC e no PEUL.

Observando as variáveis sociais, faixa etária e gênero, na amostra NURC/RJ, para um estudo de tendências (comportamento da comunidade/indivíduos distintos, em dois recortes temporais), verifica-se uma nítida oposição no comportamento de homens e mulheres. As curvas de distribuição indicam, para os homens, uma

variação estável, em ambos os períodos. Os falantes mais jovens não modificam o seu comportamento dos anos 70 para os anos 90, mas o segundo e terceiro grupos, adultos e idosos, apresentam comportamentos opostos: nos anos 70, o peso relativo decresce da terceira para a segunda faixa etária e aumenta da segunda para a primeira; nos anos 90, há um aumento da terceira para a segunda e uma diminuição da segunda para a primeira. Uma provável explicação para esse aumento na segunda faixa – que coincide, no Brasil, com a senioridade na vida profissional – é a de o apagamento do R não ser mais uma pronúncia estigmatizada, ao menos em verbos, correspondendo a uma nova norma introduzida na comunidade.

Comparando todas as amostras (cf. Figuras 2, 3, 4 e 5), observa-se que, no NURC, não há praticamente alteração da década de 70 para a década de 90, a não ser um ligeiro aumento entre os jovens de 25 a 35 anos. Para as mulheres, as curvas de distribuição indicam mudança em progresso nos dois casos, expressa no gráfico pela quase superposição das linhas.

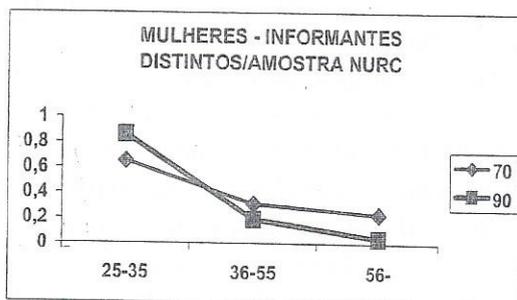


Figura 2 - Apagamento do R em mulheres (NURC).

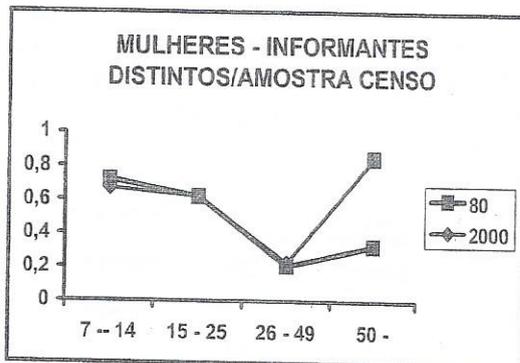
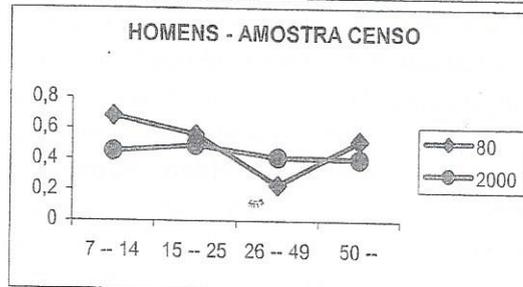
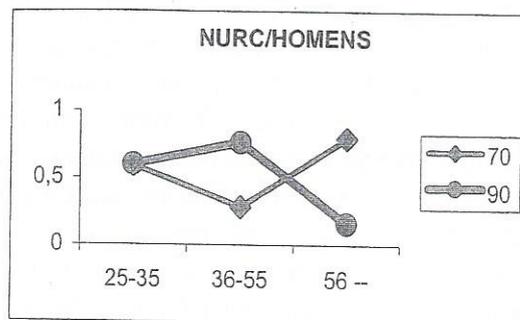


Figura 3 - Apagamento do R em mulheres (CENSO).

No PEUL, é significativa a mudança de 80 para 2000, mas apenas para os falantes mais idosos, acima de 50 anos.

Entre os homens, há também semelhança nas amostras de jovens do NURC e PEUL, com a diferença de ter havido diminuição do cancelamento do R no *corpus* de 2000 constituído por falantes abaixo de 15 anos, no sentido da aquisição e não de perda do segmento. Percebe-se, inclusive, um ligeiro acréscimo entre os locutores de 24 a 49 anos, correspondendo em parte à faixa etária do NURC de 36 a 55 anos, que apresenta comportamento semelhante.



Figuras 4 e 5 - Apagamento do R nos dois corpora, em duas décadas.

No estudo de painel (amostra NURC), comparando os mesmos informantes em ambos os períodos, pode-se verificar que o comportamento não é o mesmo ao longo da vida do indivíduo. A frequência do apagamento do R continua a avançar, exceto na última faixa etária, para os homens, e se mantém estável, para as mulheres. Em suma, esses resultados revelam que o indivíduo do sexo masculino (cf. Gráfico 1 de dispersão e Figuras 6 e 7) não leva o seu comportamento nem tampouco adota o padrão projetado para a faixa etária subsequente, tornando difícil interpretar se estamos diante de um padrão de mudança geracional ou de gradação etária. O mesmo ocorre com o indivíduo do sexo feminino, com exceção dos mais idosos, que se mantêm estáveis. Tal comportamento, segundo Labov (1994:104-112), poderia ser explicado pelo fato de esses falantes de faixa mais alta, algumas vezes, não terem participação ativa nos processos de mudança que ocorrem à sua volta. No caso dos homens, há estabilidade tanto do indivíduo quanto da comunidade, mas no das mulheres, há instabilidade do indivíduo e estabilidade da comunidade o que nos levaria a interpretar como um padrão de gradação etária.

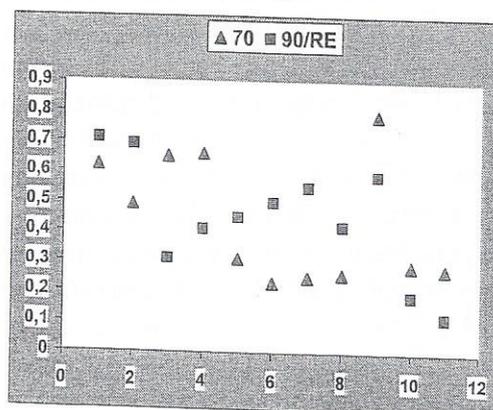


Gráfico 1 - Dispersão: cada um dos informantes nas duas décadas.

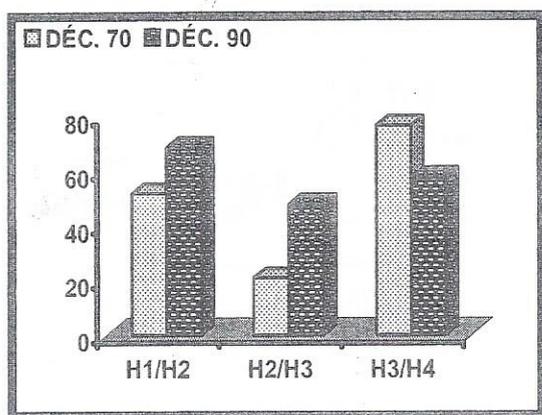


Figura 6 - Comportamento individual (RE) dos homens em relação ao apagamento do R.

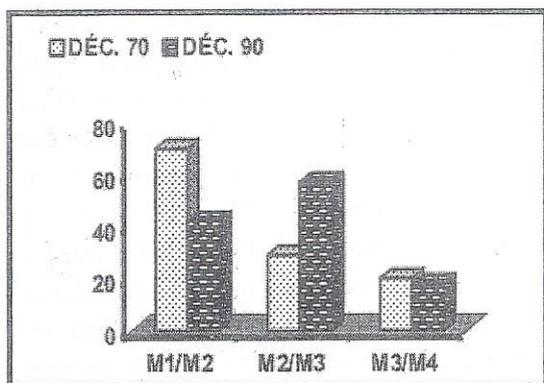


Figura 7 - Comportamento individual (RE) das mulheres em relação ao apagamento do R.

No estudo de tendências, comparando os percentuais e *input* geral de aplicação da regra de apagamento, em todos os *corpora*, sem levar em conta as variáveis gênero e faixa etária, verifica-se que a comunidade (Tabela 1) se mantém estável, com aumentos percentuais progressivos, embora com distribuição diferenciada por faixa etária.

Apagamento do R em verbos	NURC	PEUL
Década de 70 / 80	73% / ,70	91% / ,91
90 / 2000	82% / ,82	92% / ,92

Tabela 1 - Comportamento da comunidade nos dois períodos.

Os dados aqui apresentados mostram a complexidade do estudo da mudança lingüística. No caso em pauta, essa complexidade fica bastante evidente. Em primeiro lugar, teve-se que diferenciar falantes do sexo masculino de falantes do sexo feminino – uma comunidade cindida, portanto – e, em segundo, distinguir entre verbos e não-verbos. Por fim, observe-se que o apaga-

mento do R final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite. Hoje, pode-se considerar uma variação estável, sem marca de classe social. A avaliação da situação geral, com base nos estudos em tempo aparente e em tempo real, indica antes um equilíbrio que a previsão de um completo apagamento.

2.2 NÓS/A GENTE: O ATUAL ESTÁGIO DA SITUAÇÃO

Diversos estudos com amostras diferenciadas do português do Brasil (OMENA, 1986, 2003; LOPES, 1993, 2003; MACHADO, 1997, *et al.*) procuraram demonstrar os fluxos e contrafluxos da implementação da forma inovadora *a gente* sobre a mais antiga *nós*. As duas estratégias coexistem no português falado do Brasil, mas aparentemente a forma inovadora vem ganhando terreno nos últimos 30 anos. Para dar um panorama geral do estágio atual da mudança, serão apresentados os resultados de dois trabalhos com amostras diferenciadas em termos de graus de escolaridade: nível superior (amostra do Projeto NURC-RJ - Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro) e nível médio (amostra do Projeto PEUL-RJ). A proposta é analisar o comportamento da comunidade a partir do confronto de duas décadas de cada projeto anos 70 / 90 e anos 80 / 2000, respectivamente. O principal objetivo do estudo contrastivo, como discutido preliminarmente em Callou *et alii* (a sair), é o de verificar o estágio em que se encontra o processo de substituição de *nós* por *a gente*: se em variação estável ou em pleno processo de mudança.

2.2.1 ESTUDOS DE TENDÊNCIAS: O COMPORTAMENTO DA COMUNIDADE

Na figura 8, apresenta-se o comportamento da comunidade, conjugando-se todas as amostras. Vê-se que a substituição de *nós* por *a gente* se está efetivando progressivamente nos

últimos 30 anos, seja entre os falantes cultos, seja entre os não-cultos. Na amostra NURC-RJ relativa aos anos 70, o uso da forma mais antiga *nós* suplantava a forma inovadora, mas a nova amostra referente à década de 90, com informantes diferentes, sugere, ao contrário, um uso mais freqüente da forma inovadora, indicando uma aceleração rápida na implantação da substituição de *nós* por *a gente* na comunidade. Nos resultados de Omena (2003) – décadas de 80 e anos 2000 –, no entanto, a comunidade não mudou, pois as proporções no uso das variantes continuam praticamente as mesmas. A partir da análise da figura 8, observa-se que a comunidade apresenta-se *instável*, se forem levados em conta os falantes cultos, mas quanto aos não-cultos, nota-se uma certa estabilidade no comportamento da comunidade de uma década para outra.

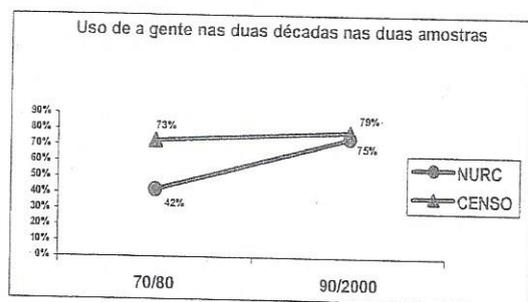


Figura 8 - Uso de a gente em tempo real de curta duração.

Interessante comentar ainda, a partir da análise contrastiva desses resultados, que o comportamento lingüístico configurado para os falantes não-cultos na década de 80, na verdade, evidenciava um prenúncio do que se observaria mais tarde entre os falantes cultos, tanto que os índices percentuais nos anos 90 e nos anos 2000 tornaram-se praticamente os mesmos (entre 75 e 80%). A gradativa implementação da forma inovadora se disseminou pela comunidade, pelo que tudo indica, propagando-se de baixo para cima.

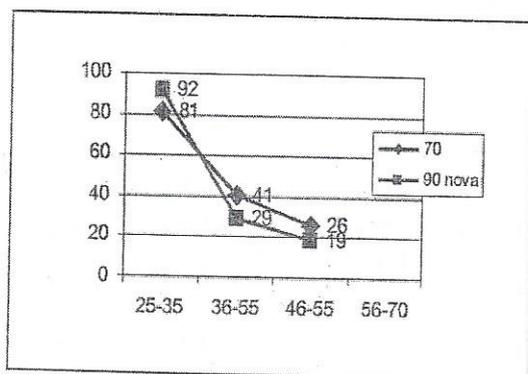


Figura 9- Uso de a gente: amostra NURC-RJ.

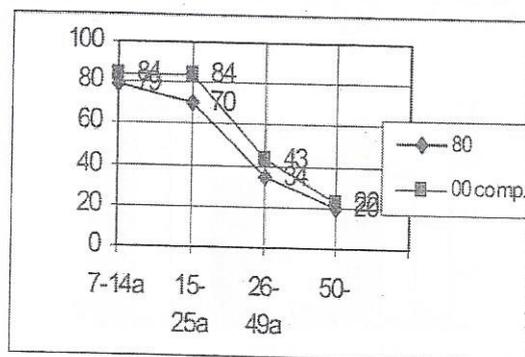


Figura 10- Uso de a gente: amostra CENSO.

Analisando ainda o comportamento da comunidade nas figuras 9 e 10, tendo em vista a distribuição etária nos dois *corpora*, verifica-se um comportamento similar. A configuração das curvas nos dois períodos apresenta o mesmo tipo de traçado nas duas amostras. No confronto das duas décadas, evidencia-se um crescimento significativo na primeira faixa etária, principalmente na amostra NURC. Os altos índices entre os jovens poderiam sugerir uma mudança em progresso, entretanto, há retração nas demais faixas etárias entre os falantes cultos. Na amostra CENSO-PEUL, falantes não-cultos, os valores são mais altos em quase todas as faixas etárias nos anos 2000. Comparando os dois gráficos, que apresentam uma distribuição etária diferenciada, observa-se, entretanto, o mesmo comportamento se for considerada a idade dos falantes. As primeiras duas faixas etárias da amostra CENSO-PEUL (até 25 anos) apresentam comportamento semelhante ao primeiro grupo etário do Projeto NURC: maior uso de *a gente*. Entre os falantes adultos – faixa etária 3 do Projeto CENSO-PEUL-RJ e faixa 2 do NURC-RJ – a forma padrão *nós* suplanta o uso da forma inovadora (*a gente*). Omena (2003) defende que, com a passagem do tempo, os falantes vão adquirindo a forma mais antiga e mais prestigiada na escrita padrão ou usando-a mais freqüentemente.

2.2.2 A ATUAÇÃO DE ALGUNS FATORES LINGÜÍSTICOS NO COMPORTAMENTO DA COMUNIDADE

- Saliência fônica

Os fatores lingüísticos que se mostraram relevantes nos dois trabalhos, falantes cultos Lopes (2003) e falantes não-cultos Omena (2003, p.62), foram, entre outros, saliência fônica e determinação do referente.

Tabela 2 - Uso de *a gente* e saliência fônica: NURC-RJ.

Saliência fônica	Década 70			Década 90		
	Nº/T	%	P.R.	Nº/T	%	(AC) P.R.
Falando	—	—	—	002/002	100	—
Falava/falávamos	037/086	43	.58	057/065	88	.71
Fala/falamos	042/063	67	.78	045/057	79	.56
Falar/falamos	006/006	100	—	006/006	100	—
Saiu/saímos	001/029	03	.09	004/011	36	.16
Faz/fazemos	006/022	27	.28	010/012	83	.63
É/somos	007/032	22	.27	013/036	36	.16

Tabela 3 - Uso de *a gente* e saliência fônica: CENSO-PEUL.

Saliência Fônica	Década 80			Década 2000		
	Nº/T	%	P.R.	Nº/T	%	(AC) P.R.
Falando	11/11	100	—	004/004	100	—
Falava/falávamos	128/180	71	.72	135/166	81	.72
Fala/falamos	377/421	90	.59	250/286	87	.55
Falar/falamos	098/105	93	.49	045/046	98	.85
Saiu/saímos	158/263	60	.39	151/202	75	.48
Faz/fazemos	215/282	76	.35	173/234	74	.31
É/somos	014/033	42	.22	008/028	29	.04

Omena (2003), analisando o comportamento da comunidade, afirma que “a inserção de um elemento novo num ponto do sistema desencadeia uma reorganização desse sistema”. A forma *a gente*, inserida no quadro de pronomes pessoais, combina-se a formas verbais menos marcadas, ao passo que o pronome *nós* combina-se a formas verbais foneticamente mais salientes, tendendo a uma maior estabilidade. Parte-se do princípio da saliência fônica, proposto inicialmente por Naro e Lemle (1977), que postula o seguinte: entre duas formas niveladas, que se opõem, é mais provável a manutenção dessa oposição quando existe, entre elas, uma diferenciação fônica acentuada, caso contrário, ou seja, quando for menor essa distinção, há uma tendência de neutralizar a oposição e prevalecer o uso de apenas uma das formas. A hipótese da saliência fônica é a de que, nos níveis de menor diferenciação fônica, a forma *a gente* tende a ocorrer mais. Quando há maior saliência fônica entre as formas verbais (*somos x é*) a ocorrência de *a gente* é menos provável. Nas tabelas 2 e 3, os resultados indicados vão das formas menos salientes para as mais salientes.

A partir da análise das tabelas, observa-se que o princípio da saliência fônica mostrou-se fator relevante na explicação do fenômeno de substituição de *nós* por *a gente*. O pronome *a gente* é utilizado preferencialmente com as formas verbais que apresentam menor grau de

saliência fônica, correspondendo basicamente ao pretérito imperfeito e o presente do indicativo. Realidade oposta ocorre com o pronome *nós*: quanto maior a diferenciação fônica entre P3 e P4, últimos fatores da tabela, maior a probabilidade do uso de *nós*. Quanto ao gerúndio e infinitivo verifica-se favorecimento para *a gente*.

Ressalte-se ainda a relação entre o princípio da saliência e o tempo verbal inicialmente apontada por Fernandes e Gorski (1986). Pelo fato de o presente e o pretérito perfeito terem a mesma forma na 1ª pessoa do plural, a desinência **-mos** tem sido cada vez mais utilizada pelo falante para marcar o tempo pretérito. Daí a maior utilização de *nós* nesse tempo, empregando-se a forma *a gente* no presente do indicativo para estabelecer uma oposição antes neutralizada pela falta de marcas formais entre os dois tempos verbais.

Mesmo apresentando algumas discrepâncias entre os resultados apresentados nas tabelas, observa-se que a passagem do tempo não alterou o comportamento da comunidade, seja entre os falantes cultos, seja entre os não-cultos cariocas. Os valores são maiores na amostra com indivíduos diferentes (nova amostra 90-NURC-RJ e 2000-PEUL) com freqüências mais altas nos primeiros níveis. Isso talvez tenha ocorrido pelo fato de *a gente* estar se tornando cada vez mais usual e os espaços funcionais passam a ser cada vez mais restritos.

Apesar do número irrisório de dados,

nota-se que o gerúndio, categórico para *a gente* nos resultados de Omena (2003), aparece na década de 90, entre falantes cultos, com 100% de uso para a forma inovadora. O infinitivo, controlado em *falar/falamos*, mantém-se como uso categórico para *a gente* entre os falantes cultos (Lopes, 2003).

- O traço [+/- determinado] do referente

Na análise do uso do substantivo *homem* como pronome indefinido no português arcaico, Lopes (2003) verificou que esse emprego está diretamente relacionado à perda da referência do nome substantivo que, ao ser utilizado como pronome, assume uma acepção indeterminada. Em um estágio intermediário do processo gradual de perda de especificidade, o item assumiu um caráter genérico antes de atingir o grau máximo de indeterminação.

Herdando talvez o traço indeterminado do substantivo *gente*, a forma *a gente* integra-se ao sistema pronominal concorrendo com *nós*. Na verdade, postula-se que *a gente* resultou do seguinte processo: *gente* [nome genérico] → *a gente* [pronome indefinido] → *a gente* [substituto virtual do pronome pessoal *nós*], porque a forma plural *nós* também permite leituras interpretativas diversas que vão desde uma determinação precisa, como *eu + você* ou *eu + ele*, até um grau máximo de indeterminação e generalidade: *eu + todo mundo* ou *eu + qualquer um*. Em termos comparativos, os diversos estudos sincrônicos (OMENA, 1986; LOPES, 1993) já demonstraram que há uma diferenciação no emprego de *nós* e *a gente* em relação a um uso mais restrito ou mais genérico. O falante utiliza preferencialmente o pronome *nós* para se referir a ele mesmo e mais o interlocutor (*não-eu*), ou a *não-pessoa*: referente [+perceptível] e [+determinado]. No momento em que o falante amplia a referência, indeterminando-a, há maior favorecimento para a forma *a gente* (LOPES, 1993:130). Vejamos alguns resultados nas duas amostras:

Os resultados, com base na amostra NURC-RJ, confirmam a hipótese postulada, pois se verificam altos índices percentuais e de peso relativo para o emprego genérico e impessoal (indeterminado) de *a gente* e índices mais baixos para o emprego como referência específica (determinado). Entretanto, nos resultados de Omena (2003), amostra 2000, a forma pronominal *a gente* torna-se indiscriminadamente mais produtiva nos dois contextos de referência: determinada e indeterminada, o que confirma, nesse caso, um comportamento instável da comunidade de uma década para a outra. Mesmo entre os falantes cultos, percebe-se um aumento de 24% para 59% da década de 70 para a década de 90, em termos de referência determinada. Tais resultados podem sugerir a generalização de *a gente* para todos os contextos como forma quase obrigatória.

2.2.3 E O COMPORTAMENTO DO INDIVÍDUO? ALGUNS RESULTADOS DO ESTUDO DE PAINEL

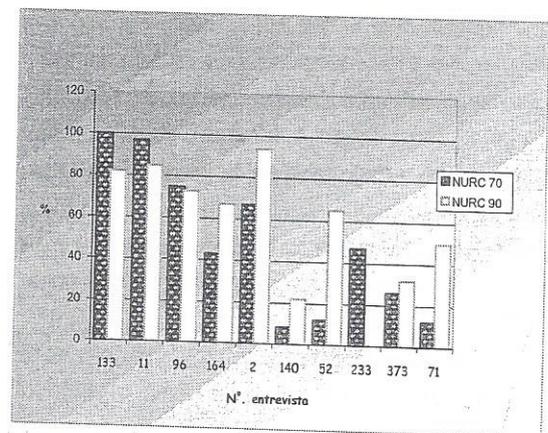


Figura 11- Uso de *a gente* na amostra NURC.

Tabela 4 - Uso de *a gente* segundo o traço [+/- determinado] do referente: NURC-RJ.

Grupo:	Década 70			Década 90 (AC)		
	Nº/T	%	P.R.	Nº/T	%	P.R.
Determinado	031/131	24	.22	074/125	59	.23
Indeterminado	044/080	55	.89	043/046	93	.96

Tabela 5 - Uso de *a gente* segundo o traço [+/- determinado] do referente: CENSO.

Grupo:	Década 80			Década 00 (AC)		
	Nº/T	%	P.R.	Nº/T	%	P.R.
Determinado	296/444	67	.44	286/358	80	(.61)
Indeterminado	694/820	85	.53	482/610	79	(.43)

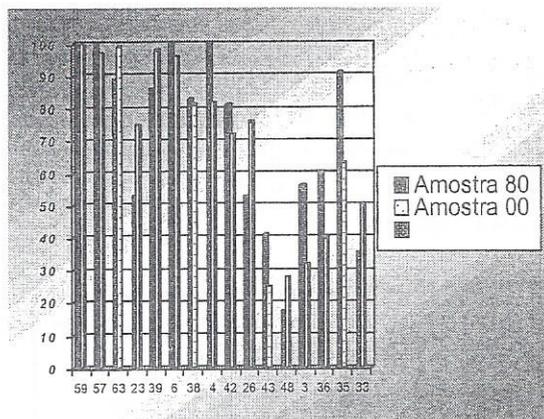


Figura 12- Uso de *a gente* na amostra CENSO.

Com relação ao estudo de painel (mesmos indivíduos), como pode ser visto nas figuras 11 e 12, percebe-se uma diferença de comportamento entre os falantes cultos e não-cultos nas duas décadas controladas, embora a preferência por *a gente* continue marcante nas duas amostras. Entre os falantes cultos, há uma certa oscilação de uso de indivíduo para indivíduo, que em geral não leva o seu comportamento para a faixa seguinte ou assume o da faixa imediata. Identificou-se apenas uma mulher da segunda faixa etária (informante 02) que assume o comportamento da faixa imediata e a outra mais idosa (informante 373), que se mantém praticamente estável, de uma década para a outra. As duas mulheres mais jovens (informantes 133 e 11) passaram a usar menos a forma inovadora quando mudaram de faixa etária. Os dois homens do mesmo grupo etário (25 a 35 anos) apresentaram comportamento diferente. O primeiro deles (informante 96) manteve-se estável e o informante 164 passou a utilizar com maior frequência a forma *a gente*. Todos os outros informantes, homens e mulheres adultos e idosos, aumentaram a taxa de uso da forma mais nova, com exceção do informante 233 (H-2) que não apresentou nenhum dado de *a gente* em sua entrevista na década de 90.

Na amostra CENSO-PEUL, o indivíduo apresenta quase sempre o mesmo comportamento. Aparentemente, seis informantes aumentaram a frequência da forma nova *a gente*, mas outros seis, os mais velhos, apresentam uma certa retração. Quatro informantes manifestam comportamento estável. O resultado, porém, é o mesmo: o uso de *a gente* se torna mais produtivo: a forma inovadora continua a predominar e a direção da mudança também é a mesma nas duas amostras. A maioria aumentou a taxa de *a gente* na passagem do tempo.

Cria-se um impasse. Trata-se de um caso

de variação estável (gradação etária) ou de mudança geracional, já que os padrões observados não se coadunam ao que classicamente está previsto nos modelos propostos?

Percebe-se uma estabilidade relativa da comunidade no uso do fenômeno variável em tempo aparente, principalmente, entre os falantes não-cultos e certa instabilidade entre os falantes cultos cariocas. Referenda tal instabilidade encontrada o fato de os falantes da amostra CENSO-PEUL terem mudado seu comportamento lingüístico no tocante à generalização de *a gente* para referência determinada. É certo que as aparentes divergências são o resultado de uma mudança lingüística que já vem sendo implementada há muito tempo. Em relação ao indivíduo, observam-se fluxos e contrafluxos. Os indivíduos mudaram, alguns estão usando mais a forma inovadora, outros usando menos, sem um padrão completamente regular em relação ao modelo previsto.

2.3 O USO DE *TER/HAVER-EXISTENCIAL*

No português do Brasil, as estruturas existenciais são normalmente formadas com o verbo *ter* e o processo de substituição de *haver* por *ter* encontra-se em estágio mais ou menos avançado, a depender da origem do falante, a julgar pelos dados de fala culta (ALMEIDA e MARTINS, 2002). No Rio de Janeiro, na década de 70, a frequência de *haver* é de 35% e, na de 90, de 24%. Na década de 90, entre os mais jovens (25 a 35 anos), o uso de *ter* é categórico.

CALLOU e AVELAR (2002) mostram que, na língua escrita, em dados de anúncios publicados em jornais do século XIX, o *haver-existencial* era ainda predominante: 78% versus 22% de *ter*. Os autores, contudo, admitem a possibilidade de a implementação de *ter* já se encontrar em etapa mais avançada, tendo em vista a observação de gramáticos do século passado: a substituição de *haver* por *ter* vem “*se tornando geral no Brasil, até mesmo entre as pessoas ilustradas*” (RIBEIRO, 1914: 296).

Rocha *et alii* (1999) analisam textos atuais de três jornais cariocas, voltados para leitores de classes sócio-econômicas diferenciadas – *O Globo* (classe A), *O Dia* (classe B) e *Povo* (classe C), e chegam à conclusão de que *O Globo* é o único jornal em que ainda se mantém o predomínio de *haver*.

Em todos os *corpora* das 5 cidades (NURC-BR), os tempos verbais do sistema

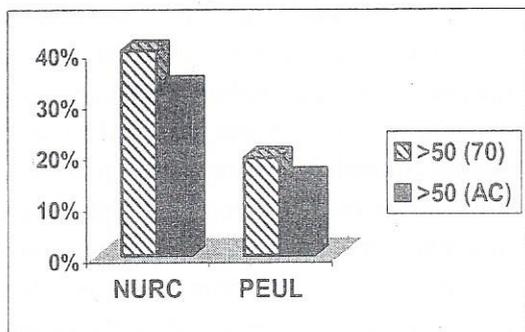


Figura 16 - Manutenção de haver-existencial em falantes de mais de 50 anos nas duas amostras.

Sem levar em conta a faixa etária, há uma relativa estabilidade, pelo menos, entre os falantes menos escolarizados, embora o *haver-existencial* se torne ainda mais raro.

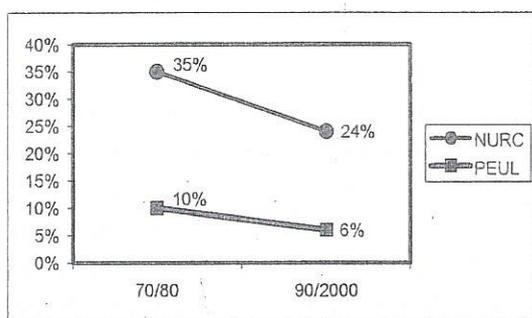


Figura 17 - Manutenção de haver-existencial em cada década nas duas amostras.

3. CONCLUSÕES

Os resultados apresentados permitem concluir que a interpretação de uma mudança não se limita ao confronto de percentuais de aplicação de um determinado processo, em períodos discretos de tempo. Embora haja, em todos os casos, diferenciação indicadora de faixa etária, os fenômenos focalizados enquadram-se em padrões distintos, de acordo com o comportamento do indivíduo e da comunidade. No caso de apagamento do /R/ dos infinitivos, embora a comunidade permaneça relativamente estável, o indivíduo apresenta, em geral, um comportamento instável, caracterizando preferencialmente um padrão de gradação etária. Neste caso, a mudança só se concretiza pelo aumento lento e gradual dos percentuais de implementação da regra (Labov, 1994, p. 97).

A variação morfossintática, por outro lado, corresponderia, *grosso modo*, a uma mudança geracional: o indivíduo é estável, mantendo em sua maioria o comportamento lingüístico no decorrer de sua vida, mas a comunidade pode ser considerada instável. No caso de *nós versus a gente*, há uma inversão na relação entre as formas alternantes: em 70, a forma *nós* ainda predomina, o que já não ocorre em 90. Em ambos os casos, o uso das formas inovadoras, entre os jovens, é quase categórico, da mesma forma que o *ter-existencial*.

Assim, ao aplicar os modelos interpretativos da mudança em progresso, propostos por Labov (1994, p. 96), tem-se o quadro 2.

Deve-se ressaltar que, nessa interpretação, se neutraliza a diferença de gênero, em função do pressuposto de que não há propriamente 'linguagens' distintas de homens e mulheres e sim uma preferência por certos usos lingüísticos. Os modelos preditivos adotados permitem a inserção dos processos no quadro geral de variação e mudança, mas não traduzem integralmente a complexidade do comportamento lingüístico e social do indivíduo e da comunidade.

E para terminar, ou melhor, começar, retoma-se a proposta norteadora do trabalho. Como transpor para o ensino de língua portuguesa os resultados dessas pesquisas e, como diz João Ubaldo, "enquadrar em linguagem 'objetiva' os fatos da língua"?

A título de ilustração, fazem-se algumas considerações acerca do uso de *a gente* e da sua repercussão na reestruturação do quadro pronominal do português. Os manuais didáticos não fazem alusão à inserção de novas formas pronominais no quadro de pronomes pessoais, embora, como os resultados mostraram, a substituição de *nós* por *a gente* venha sendo implementada de forma acelerada nos últimos vinte anos no português do Brasil. Tal processo ocorreu não só na oralidade, mas também nos textos escritos, em que há a reprodução de situações dialógicas ou menor grau de formalidade (textos narrativos, cartas pessoais, publicidade e propaganda, *e-mails* etc.). Nos textos lidos em sala de aula, veiculados pela mídia eletrônica, extraídos dos jornais ou dos manuais didáticos, as formas pronominais inovadoras são recorrentes, o que referenda os resultados das pes-

	Indivíduo	Comunidade	Fenômenos
Gradação etária	Instável	Estável	Apagamento do /R/ e uso de <i>ter/haver</i>
Mudança geracional	Estável	Instável	Uso de <i>nós/a gente</i>

Quadro 2- Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade.

quisas variacionistas. Por que deixar então de apresentar aos alunos tais estratégias alternativas que ocorrem em contextos lingüísticos e extralingüísticos específicos?

A implementação, principalmente no português do Brasil, das formas gramaticalizadas *você* e *a gente* criou uma série de reorganizações gramaticais, em diferentes níveis. A introdução de *a gente* no sistema pronominal acarretou também um rearranjo no sistema pronominal tanto no sub-sistema de possessivos, quanto no de pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos. Omena (2003, p.65) afirma que “a gente avançou mais em alguns contextos do que em outros”. Segundo a autora, (*preposição + a gente = com a gente*) tem emprego categórico entre as crianças no lugar de *conosco*: menos freqüente. “Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, *a gente* predomina”. Em contrapartida, na variação entre *da gente*, como adjunto adnominal, e o possessivo *nosso(a)(s)*, há domínio da forma conservadora *nosso* e variantes (OMENA 1996:190-1). Lopes (2003) observa que a interpretação semântica [+EU] está cada vez mais presente em termos formais

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. e MARTINS, L. *Ter/haver-existenciais: variação e mudança na fala culta*. Comunicação ao GEL, São Paulo: Mimeo, 2002.
- CALLOU, D. ; MORAES, J. e LEITE, Y.. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (org.). *Gramática do português Falado*. v. VI: 465-493. Campinas: UNICAMP, 1996.
- CALLOU, D. e AVELAR, J. *Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX*. Para uma História do Português Brasileiro, vol.III. *Novos Estudos*: 47-67, Humanitas - FFLCH/USP, 2002.
- _____. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, 9: 85-100. LETRAS/UFRJ, Niterói/RJ, 2001.
- D'ARC, J. *Difusão lexical na vibrante final*. Rio de Janeiro: UFRJ-Dissertação de Mestrado, 1992.
- DUARTE, M.E. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: Roncarati, C. e J. ABRAÇADO (org.) *Português brasileiro. Contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro, FAPERJ, 7 LETRAS: 123-131, 2003.
- FERNANDES, E. e GORSKI, E. “A concordância verbal com os sujeito *Nós* e *A gente*, um mecanismo do discurso em mudança”, *Atas do I Simpósio sobre a diversidade lingüística no Brasil*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, pp. 175-83, 1986.
- HYMAN, L.M. *Phonology. Theory and analysis*. New York, Holt, Rinehart e Winston, 1986.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, 1994.

para a forma *a gente*, mesmo entre os falantes cultos que não costumam estabelecer a concordância de *a gente* com verbos na primeira pessoa do plural (P4). Isso ocorre, principalmente, em estruturas paralelas. O falante inicia um enunciado com *a gente* ou *nós* e encadeia uma série de estruturas com a presença de P4, seja no verbo, seja em formas pronominais correlatas (*nos~nosso~da gente*). Em um trecho extraído de uma carta comercial (texto escrito) enviada pela Diretoria da Editora Globo a um assinante, evidenciam-se tais combinações aludidas:

- ♦ “...por isso, *vamos* conversar. Entre em contato com *a gente*, para *nos* contar o que aconteceu. *Queremos* saber os motivos que levaram a essa decisão.”

Como se percebe, há muito ainda por descrever e, parafraseando João Ubaldo: “*vamos estudando, somos ignorantes, havemos de aprender. Nosso consolo é que muitas das coisas que nos afligem (ou que afligem a gente) devem afligir vocês também. Ou pelo menos coisas parecidas*”.

LOPES, C. R. dos S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Frankfurt am Main/Madrid, Iberoamericana, vol. 18, 2003.

MACHADO, M. dos S. Sujeitos pronominais *nós* e *a gente* em dialetos populares. *Graphos* 2 (1): 5-22, 1997.

MOLLICA, C. e FERNANDEZ, C. *Um caso de estabilidade fonológica comprovado em tempo aparente e em tempo real*. Mimeo, 2002.

NARO, A. e LEMLE, M. *Syntactic diffusion*. Papers from the Parasession on Diachronic Syntax. Chicago, CLS Reprinted in *Ciência e Cultura*, 29(3): 259-68, 1977.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. da C. e DUARTE, M. E. L. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, 2003.

PAIVA, M. da C. e DUARTE, M. E. L. (Org.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contracapa, 2003.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves e C., 1914.

ROCHA, A. L. *et al. Ter e haver em estruturas existenciais*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Mimeo, 1999.

WEINREICH, U., LABOV, W. e HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W. e Malkiel, Y., ed. *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press: 97-195, 1968.